



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

BC divulga Ata do Copom e Relatório de Política Monetária. Na agenda de indicadores, destaque para dados de inflação no Brasil e nos EUA.

- A Ata do Copom e o Relatório de Política Monetária (RPM), que serão divulgados pelo Banco Central na terça (23) e na quinta-feira (25), respectivamente, são os destaques da semana.** O comunicado pós-decisão gerou algum ruído no mercado, ao apontar piora do cenário inflacionário e elevação das projeções de inflação, e, ainda assim, o Copom ter optado por manter o ciclo de corte da Selic. Nesse contexto, os documentos devem ser úteis para o BC elucidar alguns pontos de sua comunicação. Entre eles, destacam-se as novas projeções de inflação, especialmente para o 1T28, que se tornará o horizonte relevante na próxima reunião; a possibilidade de apresentação de cenários alternativos (algo mencionado no comunicado); e, uma explicação mais detalhada sobre a decisão de alongar o horizonte relevante, movimento que sinalizou disposição do BC em aceitar uma inflação mais elevada por um período mais prolongado. Vale destacar que, na quinta-feira, o presidente da instituição, Gabriel Galípolo, e o diretor de Política Econômica, Paulo Picchetti, participarão de entrevista sobre o RPM.
- Entre os indicadores, o IBGE divulga na quinta (25) o resultado do IPCA-15 de junho, que deve seguir em aceleração no acumulado de 12 meses.** O consenso do mercado projeta alta de 0,46% no mês, ainda pressionada pelos preços dos alimentos, enquanto os combustíveis devem mostrar certa acomodação. Em 12 meses, o índice deve avançar de 4,64% para 4,85%, aproximando-se da marca de 5%. As medidas de núcleo (mais sensíveis à atividade econômica) também devem permanecer em patamar elevado. Em conjunto, esses fatores reforçam o cenário inflacionário desafiador.
- Em relação ao mercado de trabalho, a Pnad Contínua deve indicar que o desemprego segue baixo.** O IBGE divulga a pesquisa na sexta (26) e a taxa de desemprego deve recuar de 5,8% em abril para 5,6% no trimestre móvel encerrado em maio, segundo o consenso da Bloomberg. Os analistas estarão atentos a eventuais novos sinais de desaceleração no avanço da população ocupada e ao ritmo de crescimento dos rendimentos, que vem se mantendo bastante elevado. Este é um fator que tem dificultado uma acomodação mais célere da inflação, especialmente dos preços de serviços.
- A semana também traz dados do setor externo, que devem seguir apontando quadro confortável.** A mediana do mercado prevê déficit em conta corrente de US\$ 4,5 em maio, acima do registrado em mai/25 (-US\$ 3,3 bi). No acumulado em 12 meses, o déficit deve se elevar ligeiramente de US\$ 64,3 bi para US\$ 65,4 bi. Contudo, ainda assim, deve se manter abaixo da entrada de investimento estrangeiro direto (IDP), atualmente próximo a US\$ 80 bi.
- Nos EUA, o principal destaque da agenda será o indicador de preços preferido do Fed, o deflator dos gastos pessoais (PCE), que será conhecido na quinta (25).** A leitura do PCE de maio será bastante relevante, especialmente após a decisão do Fed, que trouxe uma comunicação mais *hawkish* na primeira reunião conduzida por Kevin Warsh. Segundo o consenso de mercado, o índice deve subir 0,5% em maio, ainda pressionado pelos preços dos combustíveis. O resultado deve levar o PCE a acelerar no acumulado em 12 meses pelo 3º mês consecutivo, passando de 3,8% para 4,1%, reforçando o viés de alta para os juros no país. O núcleo do indicador deve atingir 3,4% (ante +3,3%), maior patamar desde nov/23. No mesmo dia, será conhecido o dado de gastos pessoais, que deve avançar 0,6% em maio, trazendo novos sinais de resiliência do consumo das famílias. Ainda na semana, haverá a leitura preliminar dos índices PMIs de junho, na terça (23) e a divulgação final do PIB do 1T26, na quinta (25).
- Na Zona do Euro, a agenda terá como foco os indicadores antecedentes, com destaque para a prévia dos PMIs de junho.** Na terça (23), a leitura dos PMIs deve confirmar que a atividade no bloco segue perdendo fôlego em um ambiente de inflação pressionada e retomada da alta de juros por parte do BCE, em meio ao choque de custos associado à guerra.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
23/jun	Ata do Copom	-	-	-
24 – 26/jun	FGV: Sondagens de Confiança	Jun/26	-	-
25/jun	IBGE: IPCA-15	Jun/26	0,46% m/m 4,85% a/a	0,62% m/m 4,64% a/a
25/jun	Reunião do CMN	-	-	-
25/jun	BCB: Relatório de Política Monetária	2ºtri/26	-	-
26/jun	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Mai/26	US\$ -4,5 bi	US\$ - 1,8 bi
26/jun	PNAD: Taxa de Desemprego	Mai/26	5,6%	5,8%
Sem data	RFB: Arrecadação Federal de Impostos	Mai/26	-	7,8% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
21/jun	China	Taxas de Juros Prime: 1 ano e 5 anos	Jun/26	3,00% aa; 3,50% aa	3,00% aa; 3,50% aa
22/jun	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Jun/26 - prévia	-18,0 pts	-19,0 pts
23/jun	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Jun/26 - prévia	51,6 pts / 48,6 pts	51,6 pts / 47,4 pts
23/jun	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Jun/26 - prévia	54,5 pts / 51,0 pts	55,1 pts / 50,7 pts
24/jun	EUA	Venda de casas novas	Mai/26	3,7% m/m	-6,2% m/m
25/jun	EUA	PIB	1ºtri/26 - final	1,6% t/t-1 (anualizado)	0,5% t/t-1 (anualizado)
25/jun	EUA	Rendas e Gastos Pessoais	Mai/26	0,4% m/m 0,6% m/m	0,0% m/m 0,5% m/m
25/jun	EUA	Deflator de Gastos Pessoais (Índice PCE)	Mai/26	0,5% m/m 4,1% a/a	0,4% m/m 3,8% a/a
25/jun	EUA	Pedidos de bens duráveis	Mai/26	-4,9% m/m	7,9% m/m
26/jun	EUA	Estoque de Atacado	Mai/26 - prévia	0,3% m/m	0,6% m/m
26/jun	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Jun/26 - final	50,0 pts	44,8 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Copom volta a reduzir a Selic em 0,25 pp, mas sugere que espaço para novos cortes é limitado

O Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) reduziu novamente a taxa Selic 0,25 pp, para 14,25% aa, dando sequência ao “ciclo de calibração monetária”. Apesar do corte, o comunicado trouxe um tom cauteloso, com revisão para cima das projeções de inflação, avaliação de uma piora da dinâmica recente dos preços e de seu balanço de riscos, além da manutenção da incerteza no cenário externo.

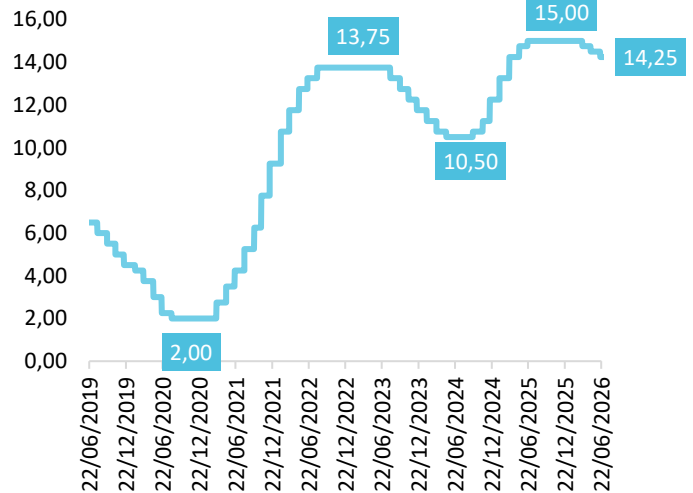
No ambiente internacional, apesar do anúncio de acordo entre EUA e Irã, o Copom manteve avaliação cautelosa diante da “indefinição sobre os termos do acordo para cessar os conflitos armados no Oriente Médio” e da “elevação da volatilidade de preços de ativos e commodities”. No cenário doméstico, o Comitê apontou “aceleração da atividade econômica no primeiro trimestre do ano”, com setores mais cíclicos voltando a ganhar relevância, além de um mercado de trabalho “ainda com sinais de resiliência”.

Quanto à inflação, o Comitê reconheceu uma piora em sua dinâmica, ao destacar que esta voltou a acelerar tanto no IPCA quanto nas medidas subjacentes, ampliando o distanciamento em relação à meta. Adicionalmente, as projeções do Banco Central foram elevadas. Para 2026, a projeção de inflação subiu de 4,6% (na última reunião) para 5,3%; enquanto para o horizonte relevante, que atualmente é o 4º trimestre de 2027, a projeção ficou em 3,7% (ante 3,5%).

Apesar de não indicar que o balanço de riscos está assimétrico para o lado altista, o Copom indicou mais aspectos que podem elevar a inflação do que reduzi-la. Entre os riscos de alta, o Comitê manteve a preocupação com a desancoragem das expectativas associada a choques de oferta ligados ao petróleo e seus derivados, e adicionou uma referência aos efeitos climáticos sobre a produtividade agrícola e os custos de energia, ampliando o conjunto de choques de oferta monitorados. Adicionalmente, também mostrou preocupação com novos estímulos à demanda, que podem resultar em um crescimento acima do potencial da economia. Por outro lado, entre os riscos de baixa, o Comitê citou a possibilidade uma redução nos preços das commodities com efeitos desinflacionários.

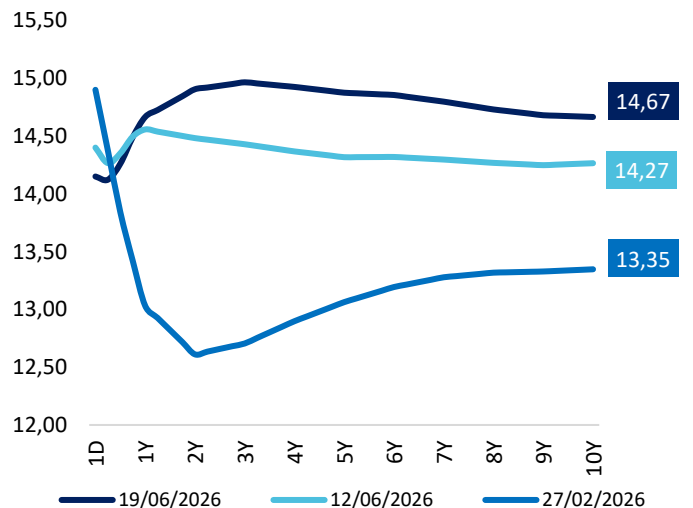
Ainda assim, o Copom avaliou que o grau de restrição já acumulado pela política monetária permite trajetórias alternativas de juros compatíveis com a convergência da inflação à meta.

Quadro 1: Evolução da Taxa Selic - % a.a.



Fonte: BCB

Quadro 2: Curva de Juros - % aa



Fonte: Bloomberg

Nesse sentido, um trecho que chamou bastante atenção dos agentes foi o que mencionou que a trajetória necessária para assegurar a convergência no horizonte atual poderia levar a inflação para abaixo da meta no horizonte relevante da próxima reunião, o que justifica uma abordagem mais gradual. Em outras palavras, o Copom decidiu alongar seu horizonte relevante, passando a mirar já o 1º trimestre de 2028, que, em tese, se tornaria seu horizonte relevante apenas na próxima reunião. De toda forma, reafirmou “que a magnitude total do ciclo de calibração será estabelecida à luz de novas informações visando assegurar a convergência da inflação à meta.”

Portanto, como esperado, o Copom reduziu novamente a Selic em 0,25 pp, para 14,25% aa., dando continuidade ao ciclo de calibração monetária. Embora tenha reconhecido os efeitos defasados dos juros elevados sobre a atividade, o comunicado reforçou a cautela diante da piora da dinâmica inflacionária, da alta das projeções, da resiliência do mercado de trabalho e da incerteza externa.

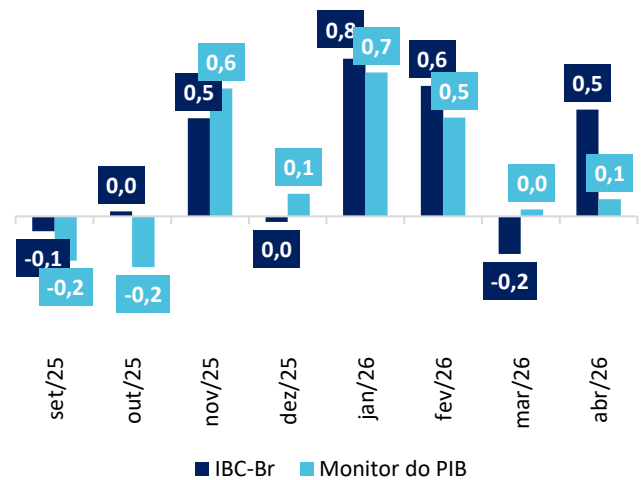
Vale notar que essa “ambiguidade” entre a sua ação (corte de juros) e a avaliação do cenário e perspectivas foi alvo de críticas de parte do mercado. De toda forma, o comunicado deixou bastante claro que o espaço para novos cortes é bastante limitado, fato que deve reforçar a aposta em uma taxa Selic em cerca de 14% aa para o fim do ano.

A economia brasileira seguiu em expansão em abril, segundo os principais indicadores antecedentes da atividade. O IBC-Br, divulgado pelo Banco Central, apontou alta de 0,5% frente a mar/26, enquanto o Monitor do PIB indicou relativa estabilidade, com avanço de 0,1% no período. Em comum, os dois indicadores sugeriram alguma melhora da atividade após o resultado mais fraco de março. Ainda assim, permanece o quadro de desaceleração, após um 1T26 positivo, refletindo os efeitos da política monetária restritiva.

A alta do IBC-Br no mês foi sustentada pela indústria (+0,4%) e pela retomada do setor de serviços (+0,3%), que havia recuado em março (-0,5%). A agropecuária, por sua vez, ficou estável na série dessazonalizada. Na comparação interanual, o indicador mostrou crescimento de 0,9% em relação a abr/25 e, no acumulado de 12 meses, alta de 1,6%, abaixo dos 1,8% observados em mar/26, seguindo assim em trajetória de desaceleração.

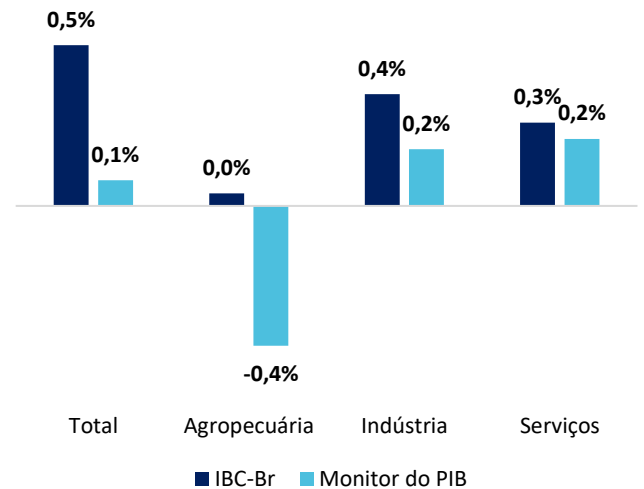
Já o Monitor do PIB apresentou leitura mais próxima da estabilidade. A principal diferença em relação ao IBC-Br veio do desempenho da agropecuária, que recuou 0,4% no mês. Na comparação interanual, o indicador registrou alta de 1,8%. Setorialmente, a indústria (+2,6%) segue como destaque, liderada pelos segmentos ligados à extração de petróleo e combustíveis, mais sensíveis ao ciclo global, de acordo com os dados da PIM/IBGE.

Quadro 3: Antecedentes da Atividade Econômica Var. % Mensal (Dessaz)



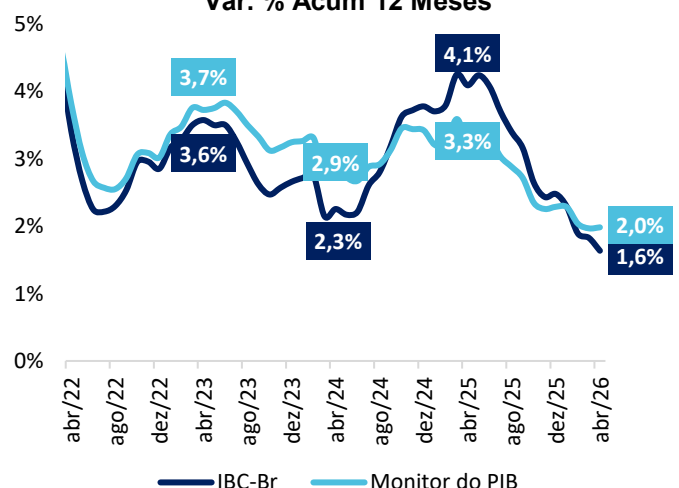
Fonte: BCB e FGV

Quadro 4: Abertura Setorial dos Antecedentes Var. % Mensal (Dessaz)



Fonte: BCB e FGV

Quadro 5: Antecedentes da Atividade Econômica Var. % Acum 12 Meses



Fonte: BCB e FGV

Os serviços cresceram 1,9%, enquanto a agropecuária recuou 0,6% ante o mesmo período do ano anterior.

De forma semelhante ao IBC-Br, o Monitor também segue em trajetória de desaceleração no acumulado em 12 meses. Assim, apesar da reaceleração observada no 1T26, o cenário ainda é de perda gradual de fôlego da atividade. O *carry-over* para o 2T26 ficou em 0,6% no IBC-Br e em 0,3% no Monitor do PIB, abaixo do avanço do PIB registrado no 1T26 (+1,1%). Para o ano de 2026, os carregos estão em 1,8% e 1,7%, respectivamente. Portanto, a economia brasileira deve voltar a mostrar expansão no 2T26, mas de forma mais modesta do que no 1T26, com perspectiva de acomodação adicional ao longo do segundo semestre do ano.

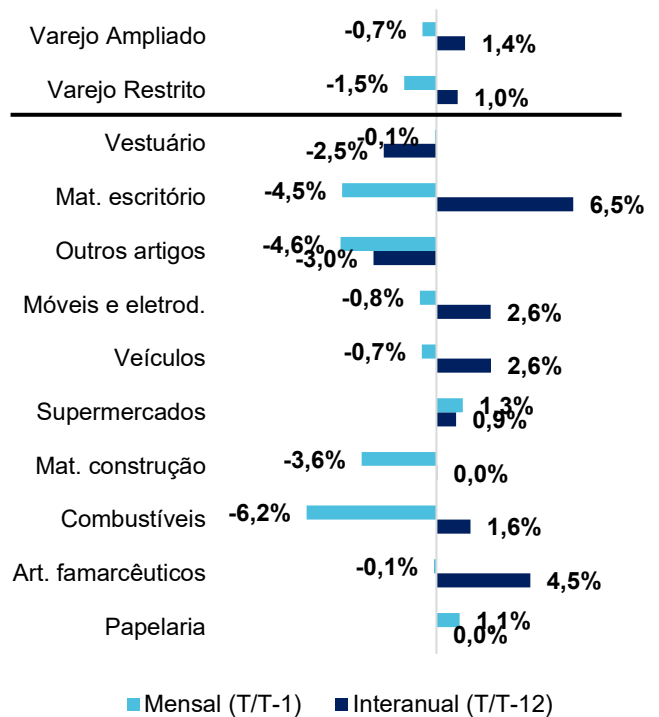
Ainda no campo da atividade, o IBGE mostrou que o Varejo recuou 0,7% em abril, bem abaixo das expectativas do mercado (+0,3%). Na comparação interanual, o setor avançou 1,4% em relação a abr/25. No acumulado de 12 meses, o crescimento foi de apenas 0,2%. Já o Varejo Restrito, que exclui segmentos mais voláteis e dependentes das condições de crédito, como veículos e materiais de construção, teve desempenho ainda pior na margem: queda de 1,5% em relação a mar/26, embora com alta de 1,0% frente a abr/25. Apesar do resultado mensal mais negativo, o Restrito registra crescimento maior no acumulado de 12 meses (+1,5%), apontando maior resiliência do consumo de bens essenciais, mais dependentes das condições de renda, em uma tendência mais longa.

A abertura setorial mostra difusão negativa relevante, com apenas supermercados (+1,3%) e itens de papelaria (+1,1%) apresentando desempenho positivo no mês. Por outro lado, segmentos relevantes registraram quedas expressivas, como veículos (-0,7%), materiais para escritório (-4,5%), materiais de construção (-3,6%) e móveis e eletrodomésticos (-0,8%), este último acumulando resultados mensais negativos desde dezembro. Apesar da margem mensal bastante negativa, na comparação interanual os segmentos seguem majoritariamente em campo positivo, com exceção de itens de vestuário e outros artigos de uso pessoal (Quadro 6).

O desempenho negativo do varejo contrasta com os bons resultados observados na indústria e nos serviços (Quadro 7), destacados nos ISEBs das últimas duas semanas. O contraste ajuda a explicar os sinais de desaceleração da atividade captados pelos índices IBC-Br e Monitor do PIB para o 2T26.

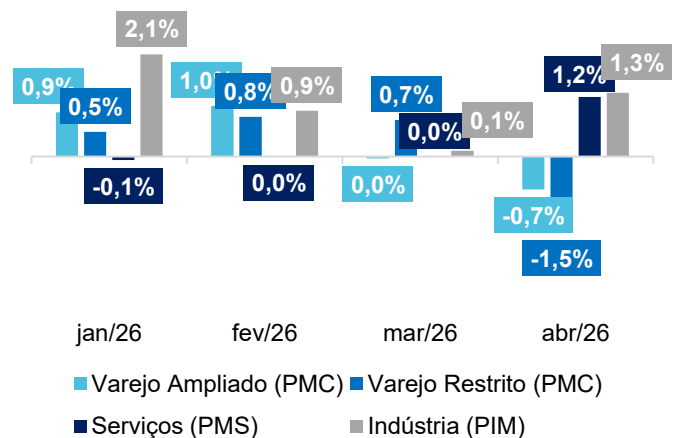
Portanto, a PMC/IBGE voltou a indicar perda de dinamismo do setor, após estabilidade em março, o que merece atenção nos próximos meses para avaliar se a desaceleração pode ter caráter mais persistente. Isso fica mais evidente ao observar que o resultado mensal deixa um *carry-over* negativo para o 2T26, de -0,4% para o Varejo Ampliado e -0,8% para o Varejo Restrito. Para o ano de 2026, o carregos está em 1,8% e 1,3%, respectivamente, patamares ainda compatíveis com a performance esperada para a economia (+1,9%). Esse desempenho é sustentado pela resiliência do mercado de trabalho, que tende a mitigar uma desaceleração mais acentuada do setor ao longo do ano.

Quadro 6: Índice de Volume do Varejo Índices Agregados e Categorias - Var. %



Fonte: IBGE

Quadro 7: Indicadores de Atividade Econômica Var. % Mensal (Dessaz)



Fonte: IBGE

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Trégua entre EUA e Irã alivia ativos de risco; Fed mantém juros em estreia de Warsh

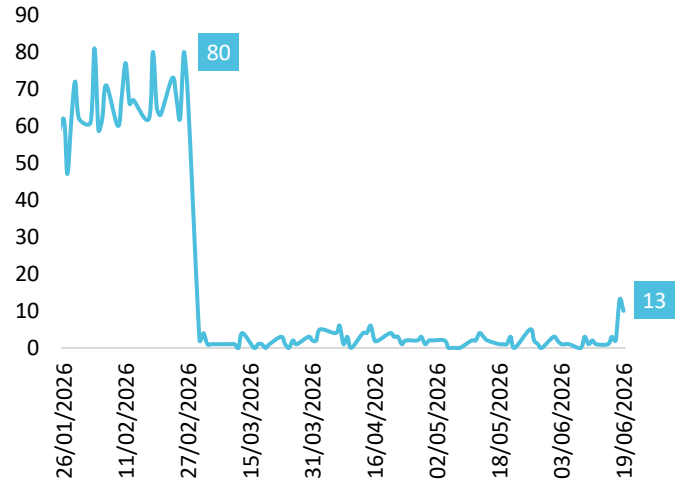
A semana foi bastante movimentada no cenário internacional. No âmbito geopolítico, EUA e Irã assinaram um acordo inicial de trégua na última quarta (17), informando que os países têm 60 dias para discutir pontos de interesse ainda em aberto. Dentre os 14 pontos do documento, ficou acordado o fim da guerra em todas as frentes, a reabertura do Estreito de Ormuz sem custo aos navios, levantamento das sanções dos EUA ao Irã e um programa para reconstrução do Irã (US\$ 300 bi). No fim da semana, acompanhamentos sobre navios-tanque cruzando o estreito já captavam uma retomada de tráfego na região, embora em nível ainda bem abaixo do observado no pré-guerra. Com isso, os ativos de risco voltaram a fechar a semana em alta, enquanto o preço do barril de petróleo (tipo *Brent*) voltou a cair, chegando a ser negociado abaixo de US\$ 80, algo que não ocorria desde o início do conflito.

No âmbito econômico, a semana foi marcada pela decisão unânime do Fed de manter os juros no intervalo entre 3,50% e 3,75% aa no primeiro encontro comandado por Kevin Warsh. O comunicado foi bastante curto em comparação com a gestão anterior e afirmou que “entregará estabilidade de preços”, sem fazer menção à meta de inflação de 2,0% aa, além de não trazer indicações sobre as decisões futuras. Em relação às projeções de juros (*dot plot*), o Comitê ficou dividido, com nove dirigentes indicando pelo menos uma alta (+0,25 pp) e outros nove apontando manutenção dos *Fed Funds* até o fim do ano, refletindo a preocupação com a inflação, que também sofreu revisões de alta para 2026 e 2027 (Quadro 9). Assim, o mercado já precifica em 62% a chance de alta de 0,50 pp dos juros até o fim de 2026 (CME Group).

Na coletiva, Warsh defendeu o fim do *forward guidance* e evitou qualquer pista sobre as próximas decisões. Adicionalmente, anunciou a criação de uma “força-tarefa” em cinco frentes para o Fed: i) revisar comunicação; ii) avaliar tamanho do balanço; iii) modernizar fonte de dados utilizadas; iv) estudar transformações no mercado de trabalho diante de novas tecnologias e; v) reavaliar causas e modelos de inflação.

Quanto aos indicadores dos EUA, as vendas no varejo subiram 0,9% em maio, superando o consenso (+0,5%), não apenas pela alta do consumo de gasolina (efeito da inflação), mas também pelo aumento das vendas nos demais itens do varejo e em automóveis, sugerindo resiliência do consumo das famílias. Já a produção industrial subiu apenas 0,1% no mês, abaixo do esperado (+0,3%).

Quadro 8: Navegação de Navios-tanque através do Estreito de Ormuz – Qtde. por dia



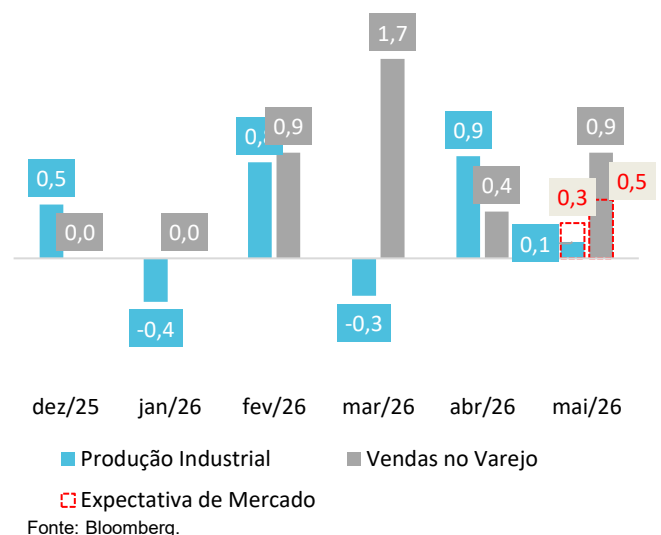
Fonte: Bloomberg.

Quadro 9: Fed – Projeções Macroeconômicas

	Projeção jun/26			Diferença ante mar/26 (p.p.)		
	2026	2027	2028	2026	2027	2028
Taxa de Juros (% aa)	3,8	3,6	3,4	+0,4	+0,5	+0,3
Inflação (Núcleo do PCE) (Var. % a/a)	3,3	2,5	2,1	+0,6	+0,3	+0,1
PIB real (Var. % a/a)	2,2	2,3	2,2	-0,2	0,0	+0,1
Taxa de desemprego (%)	4,3	4,3	4,2	-0,1	0,0	0,0

Fonte: Fed/Summary of Economic projections (SEP).

Quadro 10: EUA – Vendas no varejo e Produção Industrial – Var. % m/m



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Crédito deve crescer 0,8% em maio, impulsionado pelos recursos direcionados

O saldo da carteira de crédito total deve crescer 0,8% em maio, com o ritmo de expansão anual acelerando de 9,3% para 9,6%, beneficiado pelas operações com recursos direcionados, em razão do reforço de alguns programas governamentais.

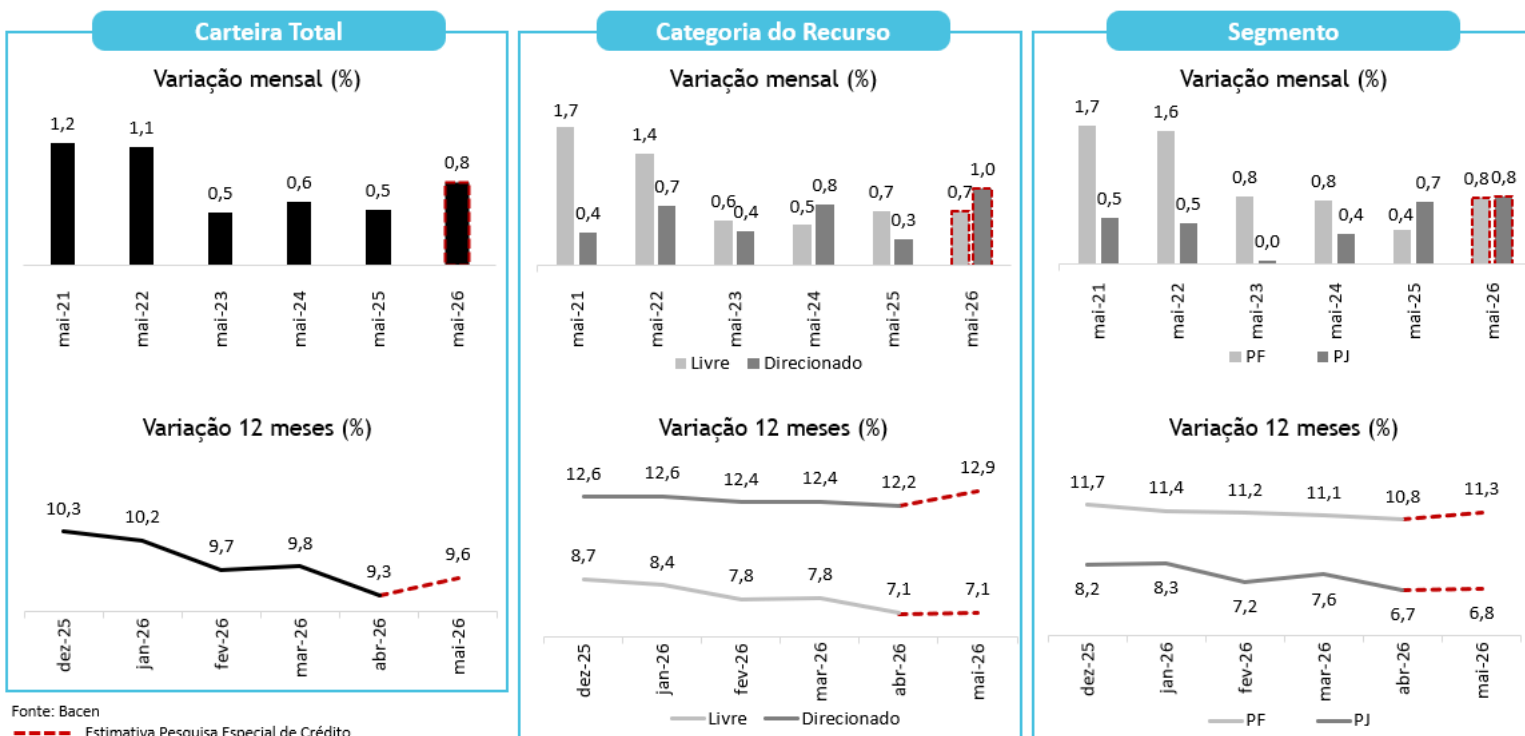
A carteira direcionada deve crescer 1,0% no mês, acelerando de 12,2% para 12,9% no acumulado em 12 meses. A alta é liderada pela carteira PJ (+1,5%), com continuidade do bom dinamismo dos programas governamentais após aporte no valor de R\$ 2,0 bi no fim de abril no fundo garantidor do FGI (BNDES), cuja principal linha de crédito atrelada é o PEAC.

Entre as famílias, a carteira direcionada deve avançar 0,7% no mês, sustentada pelo crédito imobiliário, favorecido pelas condições mais favoráveis do programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV) desde abril, que ampliaram o acesso à linha.

A carteira com recursos livres, por sua vez, deve avançar 0,7% no mês, mantendo estável em 7,1% o ritmo de expansão do segmento no acumulado em 12 meses. A carteira Livre PF deve crescer 0,9% no período, com desempenho positivo nas linhas de veículos, cartão de crédito à vista e crédito pessoal, em um contexto de mercado de trabalho ainda aquecido. Já a carteira Livre PJ deve avançar apenas 0,4% no mês, com números ainda fracos em capital de giro, que segue limitado pela ampliação das modalidades com recursos direcionados e do mercado de capitais.

Em 12 meses, a carteira PF Total deve seguir com expansão em dois dígitos (11,3%; ante 10,8%), enquanto a carteira PJ Total deve avançar 6,8% (ante 6,7%), mantendo a forte divergência entre a carteira com recursos direcionados (18,2%) e livres (0,0%).

Quadro 11: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Fonte: Bacen

--- Estimativa Pesquisa Especial de Crédito

Nota Metodológica: As variações são calculadas tendo como base os valores oficiais divulgados pelo Banco Central.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

As concessões de crédito devem registrar ligeira queda em maio (-2,2%), valor que já representa a variação média diária, uma vez que abril e maio possuem o mesmo número de dias úteis. Na comparação com maio de 2025 (também por dias úteis), as concessões devem apresentar alta de 9,6%, eliminando efeitos sazonais.

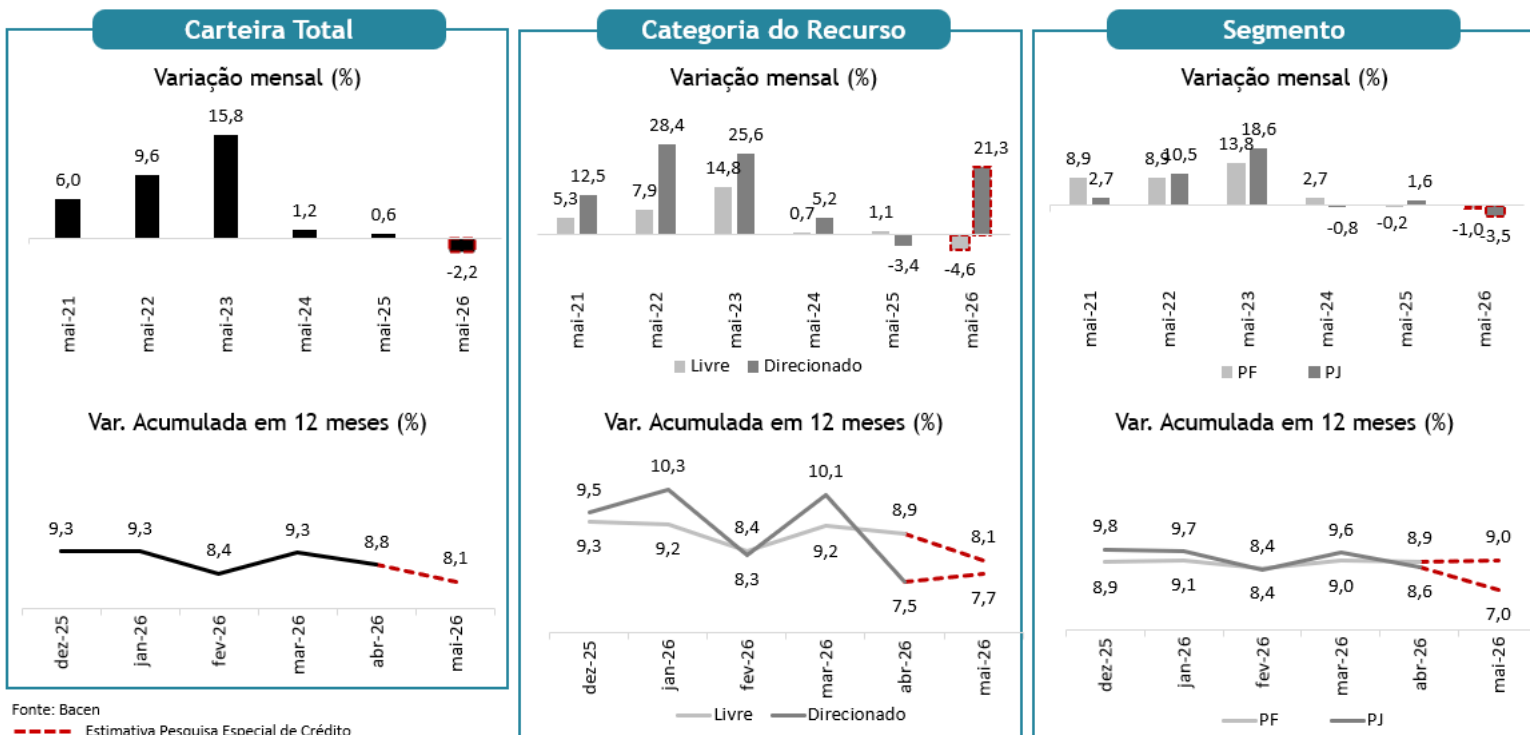
Nesse último comparativo, o resultado é puxado pela carteira destinada às famílias (+12,6%), tanto pelas linhas com recursos livres (com destaque para a carteira de veículos) como direcionados, diante do impulso no crédito imobiliário. Já o avanço das concessões às empresas (+6,2%) tem sido puxado pelos recursos direcionados, seja via programas governamentais ou linhas com recursos do BNDES, enquanto o ímpeto das concessões com recursos livres permanece mais contido, diante da alta da Selic e migração das maiores empresas para o mercado de capitais.

No acumulado em 12 meses, o ritmo de crescimento das concessões totais deve desacelerar de 8,8% para 8,1% em maio, em função do menor dinamismo da carteira PJ (+7,0%; ante 8,6%), parcialmente compensada pela ligeira aceleração em PF (+9,0%; ante +8,9%).

Portanto, a pesquisa sugere que o ritmo de expansão do crédito continua elevado, mesmo diante de uma política monetária ainda bastante restritiva. Contudo, este crescimento segue cada vez mais concentrado nas linhas com recursos direcionados, refletindo os impulsos via programas governamentais, tanto para famílias quanto para empresas.

A divulgação das Estatísticas Monetárias e de Crédito pelo Banco Central está programada para acontecer em 29 de junho. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 12: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Boletim do Mercado de Capitais da Anbima – Maio/2026

CRÉDITO / BANCOS

As captações do mercado de capitais totalizaram cerca de R\$ 47,0 bi em maio, segundo o Boletim de Mercado de Capitais da Anbima. O resultado equivale a uma queda de 15,3% em relação ao mês anterior, mas apresenta ligeiro avanço de 2,5% ante mai/25, já em termos reais (ajustados pelo IPCA). O dado indica que o segmento permanece relativamente aquecido, embora com sinais mais claros de moderação na margem.

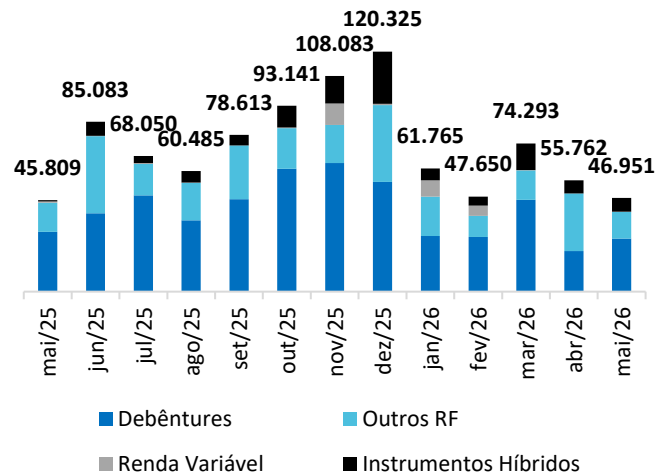
As debêntures mantiveram a maior participação, com captação de R\$ 26,6 bi (56,7% do total) no mês, apesar de queda real de 11,3% ante mai/25. Os demais instrumentos de renda fixa (CRIs, CRAs, notas comerciais, FIDCS, entre outros) responderam por R\$ 13,3 bi, ou 28,3% do total, também em recuo na comparação anual (-8,7%). Os FIDCs aparecem como o segundo instrumento de maior relevância, com volume de R\$ 5,3 bi em maio, embora também tenham mostrado acomodação ante mai/25 (-14,3%).

Os instrumentos híbridos totalizaram R\$ 6,9 bi em captações em maio (14,6% do total), com alta de 46,2% ante mai/25 e avanço tanto em FIAGROs quanto em FIIs. Por fim, a Anbima apontou que houve apenas uma operação via instrumentos de renda variável no período, um follow-on da Vitru Educação S.A. no valor de R\$ 204 mi. O IPO da Compass deve ser registrado em junho.

No acumulado do ano, as captações somaram R\$ 286,4 bi, alta de 9,2% ante o mesmo período de 2025. O crescimento é liderado pela retomada das operações de renda variável (+271,1%), embora ainda em patamar baixo, e pelos instrumentos híbridos (+135,9%), sobretudo pelos FIAGROs. Os instrumentos de renda fixa, contudo, seguem com predominância absoluta (82% do total), liderados pelas debêntures, que apesar disso, registram queda no ano (-9,8%). Já os FIDCs apresentam crescimento expressivo no período (+30,2%) e respondem por 18% das captações via renda fixa, reforçando o papel do instrumento como uma fonte de financiamento cada vez mais relevante no mercado de capitais, com saldo de ativos que já atingiu R\$ 750 bi.

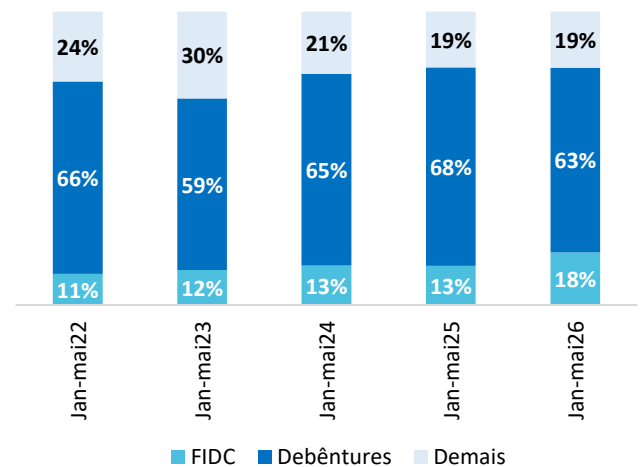
Portanto, mesmo diante das incertezas trazidas pelo conflito no Oriente Médio e pelos casos de recuperação judicial (ou extrajudicial) de grandes empresas, o mercado de capitais segue com desempenho positivo. Contudo, é possível observar alguns sinais de moderação, especialmente nas captações via debêntures.

Quadro 13: Captação no Mercado de Capitais Em R\$ mi – Preços de mai/26 (IPCA)



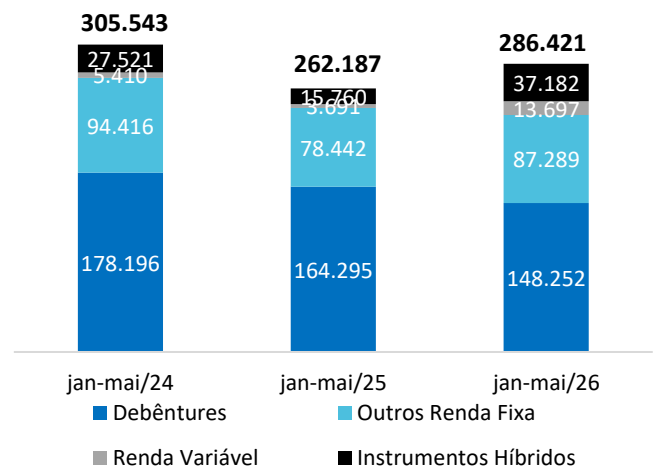
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 14: Composição da emissão via instrumentos de renda fixa (debêntures, FIDCS e demais) – Acum. Ano %



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 15: Acumulado de captações no mercado de capitais – Em R\$ mi – Preços maio/26 (IPCA)



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2026				2027			
	19/06/2026	12/06/26	22/05/26	Viés	19/06/2026	12/06/26	22/05/26	Viés
IPCA (%)	5,33	5,30	5,04	▲	4,15	4,10	4,01	▲
PIB (% de crescimento)	1,98	1,96	1,89	▲	1,70	1,70	1,70	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	14,00	13,75	13,25	▲	12,00	12,00	11,25	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,20	5,20	5,17	↔	5,27	5,25	5,26	▲

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	19/06/26	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,15	1,82%	2,29%	-5,92%	-6,23%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	124,35	-1,25%	4,66%	-10,21%	-21,21%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,15	-0,88%	-1,17%	-5,01%	-4,43%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	14,65	0,67%	4,48%	6,11%	-0,50%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	14,87	3,86%	6,97%	10,33%	8,83%
Índice Ibovespa (em pontos)	168.333,61	-1,64%	-3,14%	4,47%	21,35%
IFNC (setor financeiro)	17.379,17	-1,20%	-2,98%	0,48%	13,06%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	3,75	0,00%	0,00%	0,00%	-16,67%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,18	2,35%	4,31%	21,12%	5,97%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,45	-0,57%	0,40%	8,04%	1,42%
Dollar Index	100,85	1,10%	1,93%	2,66%	1,97%
Índice S&P 500 (em pontos)	7.500,58	0,93%	-1,05%	8,76%	25,41%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	179,75	-0,03%	6,10%	8,58%	37,89%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	138,51	-2,22%	3,04%	10,58%	26,03%
Índice Euro Stoxx 50	6.323,27	2,19%	4,51%	9,09%	20,06%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	295,10	6,17%	8,01%	11,87%	47,90%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	79,85	-8,57%	-13,25%	28,96%	4,11%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 João Vítor Siqueira
 Marcos Duarte
 Jéssica Silva Martins